

ROCA DO INFERNO

ENTREVISTA
NADIR AFONSO

IDEIAS
JOÃO MEDINA, MÁRIO AVELAR

EPISTOLOGRAFIA
SEIS CARTAS DE MICHEL GIACOMETTI A FERNANDO LOPES GRAÇA
COMENTADAS POR CONCEIÇÃO CORREIA E TERESA CASCU DO.
ALEXANDRE PINHEIRO TORRES

TIMOR
FERNANDO SYLVAN
INÁCIO LUDGERO

ARQUEOLOGIA
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

CIÊNCIA E COMUNICAÇÃO SOCIAL
RAQUEL GONÇALVES

LITERATURA
CARLOS REIS, EUGÉNIO DE ANDRADE, FERNANDO VENÂNCIO,
JOÃO DE MELO, JÚLIO CONRADO, JÚLIO MOREIRA,
MARIA DE JESUS GALRÃO MATIAS

INÉDITOS
ANTÓNIO OSÓRIO, ERNESTO RODRIGUES,
JORGE MARCEL, TEOLINDA GERSÃO

VENTOS E MARÉS

M A I O N.º 5
2 0 0 0

QUARTO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DA INDIA

CONTRIBUIÇÕES
DA
SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

RELIGIÕES

DA

LUSITANIA

NA

.PARTE QUE PRINCIPALMENTE SE REFERE A PORTUGAL

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor na Bibliotheca Nacional de Lisboa
Director do Museu Ethnologico Português

S. S. G. L.

VOLUME I



LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1897

“Religiões da Lusitania” de Leite de Vasconcelos

José d’Encarnação

José d’Encarnação, professor catedrático da Universidade de Coimbra e conhecida personalidade dos meios jornalísticos e associativos cascaenses, debruça-se sobre a figura de José Leite de Vasconcelos no que diz ser uma “singela comemoração” do centenário da publicação, em 1897, do I volume de Religiões da Lusitania na Parte que Principalmente se refere a Portugal. O tema foi objecto de uma palestra que decorreu no âmbito das “Conversas de Cascais”

Em singela comemoração do centenário da publicação (em 1897) do I volume do livro *Religiões da Lusitania na Parte que Principalmente se Refere a Portugal*, da autoria de José Leite de Vasconcelos, quis o pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Cascais que eu proferisse, a 18 de Abril de 1997, uma palestra sobre esse tema, integrada no ciclo «Conversas de Cascais».

Do que então disse acabaria por publicar uma parte, que intitulei «Nacionalismo em Leite de Vasconcelos», num volume duplo (n.º 11/12, IV série) d’*O Arqueólogo Português*, revista oficial do Museu Nacional de Arqueologia (que anacronicamente saiu em Abril de 1999, embora com a data de 1993-1994...). Foi Leite de Vasconcelos quem fundou o museu e a revista e justificava-se, por isso, uma alusão a à que considero a sua obra maior, em termos científicos.

Debrucei-me nesse texto, de modo particular, sobre «a finalidade última da iniciativa, o seu porquê mais profundo», concluindo que, para se entenderem as *Religiões da Lusitania*, há que integrá-las no seu contexto político-cultural: de afirmação de uma identidade nacional face a Espanha e, mesmo, à restante Europa. Na verdade, como penso ter demonstrado,

impregna as suas páginas toda uma atmosfera de exaltação do brio e dos valores nacionais:

«Foram tão fortes os Lusitanos (escrevi) que só pela traição os venceram no campo de batalha; no campo cultural, porém, e no da religião de modo específico, hesitamos em apontar vencidos ou vencedores. Aliás, na dúvida, talvez não haja dificuldade em fazer pender para o lado lusitano o prato dessa balança» (*art. cit.*, p. 41).

E «Lusitanos» eram, no fundo, os Portugueses – de acordo com a polémica que, nesse final de século, entusiasinou, como se sabe, as hostes intelectuais no País, de-lés-a-lés.

Da citada palestra reservei, portanto, para *Boca do Inferno* «os aspectos que mais directamente se prendem com a estrutura da obra, os seus objectivos científicos, o seu valor documental, a razão do título e, de modo particular, a actualidade da investigação cujos resultados ali se deram à estampa» (p. 37). E disso vamos tratar.

Religiões da Lusitania foi concebido em três grandes partes, que viriam a consubstanciar-se em três nutridos volumes, todos eles nascidos nas oficinas da Imprensa Nacional, Lisboa.

O I data de 1897 e traz no frontispício o logotipo do Quarto Centenário do Descobrimento da Índia, pois se considera esta uma das «contribuições da Sociedade de Geographia de Lisboa» para as comemorações da efeméride. O autor é apresentado como «professor da Bibliotheca Nacional de Lisboa, director do Museu Ethnologico Português, S. S. G. L.». As siglas dão conta da sua qualidade de sócio da Sociedade que, enquanto promotora da publicação, preferiu ser discreta no enunciado.

A «introdução geral à obra», depois de abordar os limites da Lusitania e de esclarecer a acepção em que esta palavra é entendida aqui, considera que o trabalho constituía um «elemento para o conhecimento da História» dessa Lusitania, que divide em três períodos (pré-histórico, proto-histórico e histórico), sendo, por esse motivo que a obra terá três partes.

Faz-se a história da Arqueologia Pré-histórica portuguesa até 1857 e

desde essa data até 1897. Indicam-se sumariamente as «antiguidades pré-históricas que há nas diferentes províncias portuguesas»; traça-se um quadro do que se sabe acerca das «épocas pré-históricas» – «Época da Pedra e Época dos Metais» – ideias de que, didacticamente (e essa é uma interessante preocupação de Leite de Vasconcelos, a reflectir o quanto esses conhecimentos terão também servido para a sua actividade docente), apresenta, na p. 81, «resumo do que fica dito acerca da nossa Pré-História».

E entra-se no tema.

Uma análise, primeiro, do que é isso de «religião» e se se pode falar, ou não, de religiosidade do homem paleolítico. Claro que se pode, afirmará Leite de Vasconcelos, porque «não se conhecem povos sem religião» (p. 94).

Discutir-se-á mais à frente «se a veneração pelos mortos é religião». E mais uma vez se conclui que sim, porque o culto dos mortos implica crenças. É o tema do capítulo II, que tem título eventualmente estranho para os nossos dias: «A necrolatria nos *kjoekkenmoeddinge*».

O uso de palavras alemãs não é, porém, de admirar, pois muita da bibliografia que fazia parte das bibliotecas dos nossos sábios de então provinha exactamente da Alemanha, onde, diga-se desde já, os estudos arqueológicos – também pelas conhecidas razões de índole política – cedo tiveram forte apoio por parte das entidades governamentais.

O período neolítico (capítulo III) fala de «ideias religiosas»: o culto da Natureza, a Lua, os amuletos, a trepanação vista do ponto de vista científico, médico, mas a que também poderá não estar ausente alguma religiosidade ou concepção religiosa. E, nesse período, o culto dos mortos, como sintoma evidente de crença num Além .

Descrevem-se em pormenor as várias espécies de monumentos sepulcrais, na sua tipologia e nos signos que ostentam, destinando-se duas dezenas de páginas a fazer a síntese do que fica escrito, sublinhando-se que «em toda a religião há *crença e culto*», distinção que mostra quão Leite de Vasconcelos era arguto nas suas observações.

Segue-se a «época dos metais», com ampla descrição e panorâmica do que, nessa época, sobre esse período se conhecia em Portugal. E não deixa de ser interessante realçar como Leite de Vasconcelos termina, aliciando o leitor para o volume que vai seguir-se:

«No volume seguinte (...) não será preciso, como até agora, em que havemos andado quase sempre *per una selva oscura*, tratar tantas vezes hipoteticamente ou de relance o assunto», porque teremos «relativa nitidez e abundancia de documentos» (p. 423).

De realçar, ainda, uma que foi sempre preocupação do autor: a actualização. Pois que o volume se encontrava na tipografia desde 1892, houve, entretanto, novos dados que se conheceram e Leite de Vasconcelos não hesita em colocá-los em aditamento.

E como, por outro lado, sente que pôs à disposição do público um livro denso, pleno de informação, elaborou circunstanciado «índice alfabético» – o que hoje nós chamaríamos «índice de matérias» – cuja utilidade é incontestável, pois se encontra elaborado com o maior rigor. Aliás, nesse aspecto do rigor, seja lícito sublinhar também quanto Leite de Vasconcelos se preocupou em dar dos objectos e dos monumentos estudados imagens adequadas. Não havia, então, a facilidade do recurso à fotografia, por isso, o desenho ilustra amiúde o texto.

O II volume sairá com data de 1905 e logotipo da Imprensa Nacional. Haviam-se esgotado as verbas da Sociedade de Geografia, explica Leite de Vasconcelos no prólogo, e foi pela directa intervenção do Ministro das Obras Públicas (!), Conselheiro Manuel Francisco de Vargas, «a quem os estudos históricoarqueológicos mereceram sempre particular predilecção» (sublinha Leite de Vasconcelos), que, por despacho de 1 de Fevereiro de 1902, autorizou «que na Imprensa Nacional se publicasse o que faltava da obra. E, de resto, com a simplicidade dos grandes homens, o autor termina o prólogo dando à Imprensa Nacional «público testemunho» da sua gratidão «pela cortesia e afabilidade de que, sem excepção de um único, sempre usaram para comigo todos os empregados por cujas mãos passou este volume e com os quais tive de tratar quase quotidianamente desde o começo da impressão até hoje» (15 de Março de 1905).

Versa, como se disse, o II volume os tempos proto-históricos. E nunca será de mais acentuar como são significativas as considerações preliminares que Leite de Vasconcelos ali incluiu no começo, oportuníssima síntese do que se sabia, do que outros tinham escrito, das ideias e teorias que circulavam na

altura. Por exemplo, o que se pensava que eram os Iberos, os Fenícios, os Lígures, os Africanos.

E sobre as religiões proto-históricas propriamente ditas, lá vêm, numa Secção I, as «divindades, crenças e cultos», com especial destaque para duas divindades já nessa altura «maiores» no panorama da religião indígena peninsular: o deus Endovélico (p. 111-145) e a deusa Atégina (p. 146-174). E toda uma viagem, de muito pormenor, através do território português, incluindo «cabotagem» pela costa, desde o Cabo de S. Vicente (*Promunturium Sacrum*) até à costa galega, sem se esquecer de uma detença na Serra da Lua (Sintra). Rios, fontes, penedias, animais sagrados. . .

Essa Secção I conclui-se já no III volume, com o «culto dos mortos» e trata a Secção II dos «diversos actos religiosos e formas cultuais». No entanto, se o II volume versou as manifestações religiosas anteriores aos Romanos, o tema forte do III é, precisamente, a análise do que sobre a religião dos Lusitanos em época romana se conhecia então. Primeiro, as «religiões lusitano-romanas» (divindades indígenas romanizadas, divindades de procedência romana, culto dos mortos e vária); e a referência à introdução do Cristianismo é mote para as religiões «da época dos Bárbaros» (Suevos e Visigodos), não sem, no final, se dar uma curiosa achega sobre os «vestígios actuais do paganismo».

141

Obra duma vida, presente-se, mais não seja que pela leitura do que atrás, em muito fugaz panorâmica, se deixou antever. E as constantes notas de rodapé? E as amplas considerações de indole teórica? Tudo a retratar um cientista bem compenetrado da sua obrigação de pormenorizadamente informar.

Dos objectivos «nacionalistas» — a história da religião como terapêutica, como antídoto contra veleidade integracionista, como intransigente defesa da nossa individualidade — já tratámos, como se disse.

Os objectivos científicos do Mestre são claros e facilmente dedutíveis. É sua intenção dar miúda conta de tudo o que se sabe. Tudo!

O prólogo do III volume está datado de Campolide, 7 de Julho de 1912, e começa assim:

«Iniciada em 1892, e no prelo desde então, só hoje termina esta obra, que me gastou dos melhores anos da minha vida. E, contudo, se eu houvesse

de a refazer, transformá-la-ia completamente! É que tem a seguinte singela história: começou por ser um artigo pequeno para um periódico literário, artigo que não chegou a publicar-se; depois esteve para formar uma dissertação ou memória destinada a um congresso; por fim, como o assunto aumentava cada vez mais, passou de opúsculo a volume e, sucessivamente, a 2º e 3º».

Esclarece, em nota, que esse volume se publicou em fascículos: «1º fascículo (pp. 1-192) em princípios de 1909; 2º fascículo (pp. 193-368) em fins de 1911; 3º fascículo (o resto da obra) agora».

E confessa logo de seguida:

«Apesar de tantos esforços empregados para executar completamente o plano primitivo, confesso que muitos defeitos conheço na execução e declaro que de boa mente me sujeito à crítica literária, contanto que ela se exerça com justiça e pese as circunstâncias em que escrevi, coligindo eu próprio e carreando a maior parte dos meus materiais e numa terra que não abunda de bibliotecas nem de museus e onde há insensatos que zombam dos trabalhos de erudição, como se sem estes se pudesse com sinceridade ensaiar qualquer estudo de História, e como se o presente não proviesse do passado.»

Assume-se Leite de Vasconcelos como erudito. É-o, de facto, na plena acepção da palavra. Daí a importância da sua obra, porque – para usarmos uma palavra actualmente muito em voga – a interdisciplinaridade está bem patente nas *Religiões da Lusitania*, pois que, para explicar um fenómeno, uma palavra, uma decoração, o sábio não hesita em lançar mão da História da Arte, da Etnografia, da Arqueologia, da Linguística...

Facilmente se concluirá do enorme valor documental destes volumes. E se dissermos que é uma «bíblia» para quantos queiram estudar ou simplesmente debruçar-se sobre a História Antiga de Portugal não erramos. Livro «sagrado», porque trata de religião, sim; mas «sagrado» porque quase goza da propriedade de ser... «infinito». Na verdade, nunca se abre um dos volumes, não se lê com atenção uma página que não salte fora uma novidade, uma informação a que não se dera, até aí, a atenção devida.

Não valerá muito a pena atentar, de novo, sobre as razões que levaram Leite de Vasconcelos em falar em Lusitania e não em Portugal. Prende-se a opção com as querelas nacionalistas a que nos referimos e com a necessidade de identificar os gloriosos Lusitanos, fortes contra o colono invasor, com os

que, denodadamente, em solo pátrio tentavam — nessa conjuntura — lutar por identidades queurgia consolidar face às ameaças externas.

Nunca será, contudo e por isso mesmo, suficientemente sublinhado o grande valor documental da obra. Documental no sentido de ser um «documento» da época, pois retrata uma ideologia perfeitamente reconhecível — que o historiador é, também ele, fruto da sua época e obedece, queira ou não, às modas vigentes... Mas documento igualmente pelo manancial informativo minuciosamente carregado.

* * *

Será que, neste final de milénio, cem anos passados já, se mantém actual a obra de Leite de Vasconcelos?

A resposta, peremptória, é: sim!

Sem as suas descrições, sem o cuidado por ele posto em tudo anotar, mesmo o pormenor que se poderia considerar insignificante (e que ora assume particular interesse) — estaríamos muito longe ainda das conclusões a que lográmos chegar.

Logo o I volume teve grande repercussão nos meios científicos nacionais e, sobretudo, estrangeiros. E não é sem uma pontinha de orgulho que o próprio autor, no final do II volume (p. 349-350) refere as 19 resenhas de que teve conhecimento, sendo apenas uma em revista portuguesa.

Dessas há, todavia, uma especial, contundente, assinada por um português, F. Adolfo Coelho, numa revista alemã, que particularmente chocou Leite de Vasconcelos. E Vasconcelos não o poupou. À boa maneira das polémicas de finais do século, transcreve integralmente a crítica e desmonta-a ferozmente em nada menos que nove densas páginas de letra miúda. Um texto a merecer igualmente alguma atenção!

Quis a Imprensa Nacional — Casa da Moeda, nos finais da década de 80, correspondendo a uma louvável proposta de José Manuel Garcia, dar à estampa, em edição facsimilada, os três volumes das *Religiões*. Razões para isso: o facto de estar há muito esgotada a edição original, apenas acessível nalgumas bibliotecas especializadas; a assumida perenidade da obra; a necessidade de se proceder à sua actualização.

De facto, como precioso escrínio que era, *Religiões da Lusitania* deu azo a inúmeros estudos. Investigador arguto, Leite de Vasconcelos soubera pôr questões sobre que outros viriam a debruçar-se; alguns dos monumentos que estudara ou a que fizera referência e se haviam perdido tinham sido reencontrados; outros horizontes se abriam e mais informação se detinha.

Já Paula Bárcia, para que este «poço sem fundo» se tornasse ainda mais acessível, elaborara, em 1971, um livro – *As «Religiões da Lusitania» de J. Leite de Vasconcelos: Contribuição para o Seu Estudo – Alguns Comentários e Índices Gerais* – que só viria a ser publicado pela Imprensa Nacional (Lisboa) em 1982. Mas, apesar da sua boa vontade, a intenção de Paula Bárcia ficou bastante aquém do desejado (veja-se, por exemplo, a recensão crítica que lhe fez Luís Coelho na revista *Euphrosyne*, vol. 17, 1989, p. 442-4).

Entretanto, as divindades indígenas ganhavam cada vez maior importância no panorama da investigação sobre História Antiga em Portugal, nomeadamente (e escrevo-o com um certo orgulho, não o nego) depois de a mesma Imprensa Nacional ter aceitado dar à estampa a minha dissertação de licenciatura (*Divindades Indígenas em Portugal: Subsídios para o Seu Estudo*, Lisboa, 1975) e novos monumentos haverem sido encontrados.

Os nomes dos deuses passaram a ser alvo predilecto dos linguistas, porque esses nomes, mantendo uma estrutura arcaica, apenas haviam sofrido a latinização e como tal nos haviam chegado, gravados em ex-votos de pedra. Podiam, pois, ser pista fecunda para se desvendarem etimologias, se descobrirem origens dos povos, se detectarem migrações... Um estudo que, iniciado com algum balbucio na década de 50, cresceu muito nos anos 60 – como não podia deixar de ser (a minha dissertação foi defendida em Janeiro de 1970).

Muito de então para cá se caminhou. Nada invalidou, porém, o esforço titânico de Leite de Vasconcelos. E a sua pesquisa mantém grande actualidade. Veja-se, por exemplo, que a ele continuam a ir beber ideias os participantes nos colóquios sobre línguas e culturas paleo-hispânicas que regularmente se realizam em Portugal, Espanha e Alemanha. O último foi em Salamanca, em Maio passado; o penúltimo fora em Coimbra, em Outubro de 1997, e já está previsto o próximo para Setembro de 2002 em Colónia (Alemanha).



E que interesse poderá ter para Cascais, na actualidade, uma obra como a de Leite de Vasconcelos?

Nos índices de Paula Bárcia, a entrada «Cascais» (p. 155) tem doze referências. Contudo, Paula Bárcia não incluiu aí mais quatro alusões às grutas de Alapraia (vide p. 145). E também não sabia, então, que uma divindade indígena de que Leite de Vasconcelos tratara, *Aracus Arantus Niceus*, fora venerada não em S. Paulo de Lisboa mas em S. Paulo de Manique, como por diversas vezes já tive ensejo de referir. E tudo o que escreve sobre a Serra de Sintra como local privilegiado do culto lunar nessas remotas eras igualmente nos diz respeito, como é natural.

Entre as divindades a que Leite de Vasconcelos dedicou especial atenção encontra-se o deus Endovélico, que foi venerado, durante muito tempo e por muita gente durante a época romana, num santuário que se situava em S. Miguel da Mota, freguesia de Terena, concelho do Alandroal, no Alto Alentejo. Um deus que, pela multiplicidade dos testemunhos do seu culto (guardados no Museu Nacional de Arqueologia), sempre suscitou o interesse de muita gente. Foi sobre ele, ou melhor, sobre a pretensa biografia de um dos seus sacerdotes que o romancista João Aguiar escreveu *A Voz dos Deuses-Memórias de um Companheiro de Armas de Viriato* (Lisboa, 1984), o primeiro duma série de romances históricos a que se tem dedicado, mormente após o êxito que este registou desde logo. E *A Voz dos Deuses* segue de perto as informações contidas nas *Religiões da Lusitania*.

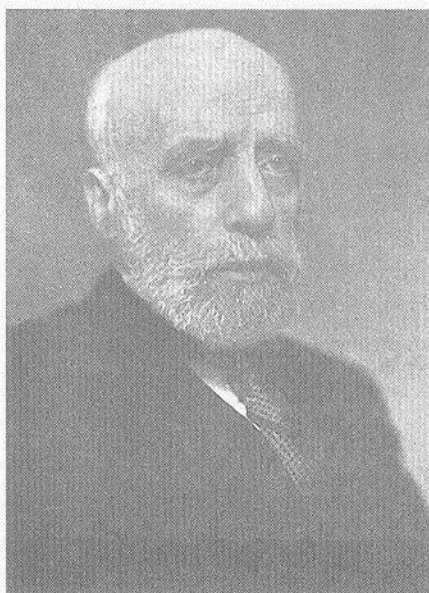
No IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico), organismo dependente do Ministério da Cultura, quando se pensou em estabelecer uma base de dados sobre os vestígios arqueológicos portugueses, que melhor nome se haveria de escolher para a identificar? — «Endovélico»!

Se pensarmos que foi Leite de Vasconcelos quem redespertou o interesse pelo estudo desta divindade, logrando reunir no seu Museu praticamente todos os testemunhos epigráficos e escultóricos disponíveis — consola-nos ver como o seu exemplo de Homem e de Sábio com maiúsculas está a ser seguido.

Compete-nos a todos prosseguir e completar a obra do Mestre.

Ele próprio reconheceu, amiúde, que as suas interpretações poderiam ser alvo de controvérsia. Foram-no. Continuá-lo-ão a ser. No entanto, é com o saber pôr as questões que se faz o progresso científico.

Prepara-se para inícios do ano 2000 uma grande exposição epigráfica no Museu Nacional de Arqueologia, em Belém. Vão dar a conhecer-se de novo, numa perspectiva actualizada, os documentos de que o Mestre lançou mão para alicerçar os seus escritos e as suas teorias. O catálogo que diversos especialistas, nacionais e estrangeiros, a pedido do comissário da exposição, Dr. José Cardim Ribeiro, estão a elaborar será, não o duvido, a melhor homenagem que se poderá prestar a Leite de Vasconcelos, porque, ao reflectirem sobre a temática abordada nas *Religiões da Lusitânia*, concluirão decididamente pela sua grande modernidade e, de modo particular, pelo impulso ímpar que a obra deu à investigação sobre a problemática religiosa nos primórdios da nossa civilização, no território que é hoje Portugal.



J. Leite de Vasconcelos